



Alívio na ponta da agulha

Encontre esta matéria em:

[Imprimir]

<http://grop.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-10847-3-174942,00.html>



O vendedor Paulo Ferreira Róseo sabe a dor de cabeça que dá passar o dia inteiro numa loja. O mais experiente da equipe não é de se queixar do serviço, mas saía do sério pelo menos uma vez por semana, atordoado com a enxaqueca. "Já tive crise de durar três dias. Dormia e acordava com dor de cabeça. É uma dor constante, que sobe um pouquinho e diminui um pouquinho. Você não consegue se concentrar, falar direito com o cliente, lembrar o preço da mercadoria, dar um desconto. É difícil", diz.

Paulo ia parar no posto de saúde e chegou a procurar o Hospital da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde conheceu a médica acupunturista Jerusa Alecrim. Na época, a doutora fazia um estudo sobre os efeitos da acupuntura na

prevenção das crises de enxaqueca.

Os pacientes foram selecionados no Ambulatório de Cefaléia da Unicamp, depois de feito o diagnóstico pelos métodos convencionais da medicina.

"O diagnóstico tem que ser muito bem estabelecido, para o médico não correr o risco de tratar com acupuntura aquilo que não vai ser tratado com as agulhas", ressalta Jerusa.

Participaram da pesquisa 135 voluntários que sofriam comprovadamente de enxaqueca. O estudo foi coordenado pelo Departamento de Neurologia da Unicamp entre 2002 e 2005.

Os pacientes se queixavam de até seis crises de enxaqueca num só mês. Alguns sentiam a dor de cabeça desde a infância. Com eles, foi testado um outro tipo de terapia: 16 sessões de acupuntura durante três meses e mais seis meses de acompanhamento.

"Minhas crises diminuíram muito e, quando eu tinha alguma, era uma dorzinha leve. Depois que eu fiz acupuntura, nunca mais precisei ir ao posto para tomar injeção na veia", conta Paulo.

"Observamos que, depois do tratamento com a acupuntura, os analgésicos comuns – que não faziam efeito durante a crise dolorosa – passam a fazer efeito", diz Jerusa.

O médico que chefiava o Ambulatório de Cefaléia na ocasião da pesquisa, o neurologista Jayme Maciel Junior, se convenceu dos efeitos da técnica milenar chinesa. "As evidências, sobretudo do nosso trabalho, são favoráveis ao desempenho da acupuntura. Existe uma série de mecanismos complexos que ocorrem localmente, mas também têm efeito no cérebro, porque isso funciona como um sistema de entrada e de saída", explica.

Efeitos que são cada vez mais reconhecidos pela ciência. Desde 1995 a acupuntura é considerada uma especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina. Uma prática usada há quase dez anos num ambulatório público ligado à Secretaria Municipal de Saúde de Niterói, no estado do Rio.

No ambulatório, médicos fazem o curso de pós-graduação em acupuntura com professores da Universidade Federal Fluminense (UFF). E eles não conseguem dar conta da fila de pacientes encaminhados pelo SUS. A espera de quem sente dor crônica pode chegar a três meses.

"Estou concluindo vários movimentos que antes eu não conseguia porque parava no meio", conta a dona de casa Carmem Nascimento.

O chefe do ambulatório, Márcio Dias, se diz preocupado com o risco do exercício da acupuntura por profissionais não médicos. Mas, nas mãos de especialistas, ele não tem dúvidas dos benefícios que as agulhas podem trazer.

"Do total de pacientes que recebemos, 80% são portadores de dor crônica benigna: dor de cotovelo, de ombro, de coluna, de cabeça. Acho que nós poderíamos ajudar bastante a nossa população com a acupuntura", conclui o médico acupunturista.